

ARTIGO INTERNACIONAL

Entrevista com Jean Hébrard

(Traduzido por Joaquim Brasil Fontes)

A editora Mercado de Letras traduz um livro que reúne um de seus mais antigos textos sobre a história da leitura e um dos mais recentes.¹ Ele tem por objeto o aparecimento de “novos leitores” na história cultural do seu país, a França. Do que se trata? O mesmo fenômeno pode ser observado no Brasil?

O aparecimento de novos grupos de leitores na história social e cultural de um território depende de numerosos fatores. Imagina-se, de bom grado, que o principal fator seja a difusão da alfabetização, mas há muitos outros. É necessário, por exemplo, que haja livros para ler, livros não muito caros e acessíveis. Na Europa, a invenção da imprensa não bastou. Até o século XVII, o livro impresso continua destinado às elites. É apenas com o aparecimento do livro vendido por ambulantes, inicialmente destinado à difusão do livro religioso (vidas de santos) e, depois, do livro profano (romances medievais), que a imprensa atinge camadas sociais novas. Elas são, frequentemente, muito pouco alfabetizadas, mas basta que, numa comunidade, uma pessoa saiba ler para que toda a comunidade se beneficie com leituras em voz alta que se tornam, assim, disponíveis. A difusão da Reforma no século XVI esteve amplamente ligada a esse modo de leitura, assim

como a das ideias socialistas no século XIX. A falta de escolas (no sul da Europa e nas colônias ibéricas) é frequentemente considerada um obstáculo maior. Mas no norte da Europa (na Suécia, por exemplo), a difusão da alfabetização foi feita sem escolas, nas famílias. Nas colônias portuguesas sem impressoras, os novos leitores são muitas vezes jornalistas saídos das mais baixas classes sociais (o que inclui escravos e ex-escravos) que aprendem seu ofício em contato com outros jornalistas. Veem-se sinais disso no momento das grandes revoltas dos séculos XVIII e XIX (a dos Alfaiates, por exemplo, ou ainda a Revolta dos Malês em Salvador da Bahia), nas quais a difusão de pasquins representa um papel central, enquanto o número de pessoas alfabetizadas é extremamente limitado.

Como o senhor estudou esse fenômeno?

Os “novos leitores” deixam muitas vezes escritos pessoais (histórias de vida, correspondência) para dizer como aprenderam a ler, como descobriram os livros e como isso mudou sua vida. Estudei a questão na França do século XIX, nos meios operários e camponeses. Eles descrevem todo um percurso no qual a alfabetização, propriamente dita, tem um lugar muito limitado.² O essencial de sua difi-

1 Les nouveaux lecteurs. In: CHARTIER, Roger; MARTIN, Henri-Jean (Dir.). *Histoire de l'édition française – Le temps des éditeurs: du Romantisme à la Belle Époque*. Paris: Éditions Promodis, 1985. p. 471-509. Tomo 3.

Peut-on faire une histoire des pratiques de lecture à l'époque moderne? Les “nouveaux lecteurs” revisités. In: MOLLIER, Jean-Yves (Ed.). *Histoires de lecture: XIX^e-XX^e siècles*. Bernay: Société de Histoire de La Lecture. 2005. p. 105-140. (Matériaux pour une histoire de la lecture et des ses institutions, 17).

2 Ver, por exemplo: La lettre représentée. Les pratiques épistolaires populaires dans les récits de vie ouvriers et paysans. In: CHARTIER, Roger (Dir.). *La correspondance: les usages de la lettre au XIX^e siècle*. Paris: Fayard, 1991. p. 279-365; e, em português: O autodidatismo exemplar. Como Valentin Jamerey-Duval aprendeu a ler?. In: CHARTIER, Roger (Dir.). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998. p. 35-74.

culdade diz respeito, na verdade, à necessidade de encontrar meios para compreender o que leem conforme a maneira dos “verdadeiros leitores”, os das classes cultas, que continuam a ser seus modelos. As histórias dos “novos leitores” são sempre histórias de mediação entre meios sociais heterogêneos. Há necessidade, pois, de intermediários, de mediadores. Certas profissões o são mais do que outras, porque vivem em contato com os dois mundos, o mundo da oralidade e o da escrita. É o caso dos empregados domésticos, dos comerciantes, dos artesãos.

O papel das mulheres é muito interessante. Muitas vezes, mesmo quando pertencem a meios sociais instruídos, elas não sabem ler (pelo menos até o século XIX), mas não estão fora da cultura escrita, pois vivem em meios em que se fala constantemente dela. Por muito tempo, a conversação foi o modo de ler das mulheres analfabetas. Foi certamente, durante muito tempo, o caso do Brasil patriarcal, do qual Gilberto Freyre fala em suas obras clássicas.

Tento encontrar, neste momento, nos arquivos das sociedades coloniais escravagistas, a forma pela qual os escravos dos séculos XVIII e XIX conseguiram, também eles, entrar no mundo da cultura escrita sem jamais terem sido alfabetizados. A escravidão urbana (escravos de ganho) representou certamente um papel central nessa questão. A necessidade de vigilância burocrática dos escravos e de seus amos representou também um papel importante. Quanto mais se escrevem documentos a respeito do escravo, mais este último aprende a usar os escritos administrativos que lhe dizem respeito para reivindicar os direitos que lhe recusam.³

A França é frequentemente apresentada como o país do livro e da leitura. Continua a ser? Quais são os fatores que modificam esses hábitos?

Como em todos os outros países europeus, os franceses leem menos. As causas são a modificação da maneira de viver e a extensão do mercado de lazeres. A leitura é uma atividade cultural que solicita tempo. É uma atividade lenta. Ela pressupõe também um dobrar-se sobre si mesmo, um recolhimento que nossas sociedades aceitam cada

vez com mais dificuldade. Hoje, os leitores potenciais são confrontados com tão numerosas solicitações – particularmente, a comunicação por intermédio das novas tecnologias – que lhes falta tempo para a leitura de livros. Mas há muitos outros meios de acesso à cultura, além do livro: o cinema, o teatro, a televisão, o CD ou o DVD, a internet – são suportes culturais consumidos com rapidez, de maneira intermitente, sem preocupação com a continuidade. Correspondem mais ao nosso modo de vida. Devemos lamentar isso? Não sei.

Trava-se hoje uma terrível batalha entre as empresas da *web*, as livrarias *on-line* como a Amazon, e os editores. O que está em jogo é, não a sobrevivência do livro, mas o uso que dele se fará no futuro. O Google, por exemplo, compreendeu que a digitalização dos livros lhe fornece um incrível banco de dados: as palavras dos livros. Indexando essas palavras, o operador, por enquanto, vende nossas pesquisas (da palavra ao livro) a troco de publicidade. Poderá acontecer que, daqui a alguns anos, ele nos venda diretamente essa informação, que se tornará a chave para o acesso aos livros ou que substituirá uma grande parte de nossas leituras. De onde o contra-ataque da Amazon, que propõe esses livros digitalizados diretamente ao seu “leitor”. O que está em questão não é tanto o livro, que está passando por uma revolução silenciosa tão importante quanto a que Gutenberg lhe impôs; são as nossas maneiras de ler. A leitura breve, rápida, centralizada na pesquisa de uma informação vai substituir a leitura longa, lenta, aberta à multiplicidade de significações, ao trabalho de exegese do sentido produzido por um verdadeiro leitor? A ficção vai ser assumida pelas imagens (cinema, DVD, televisão, YouTube)? A leitura vai se transformar numa leitura de informação e de comunicação?

Outro ponto importante é o equilíbrio entre leitura e escrita. Deixamos para trás um mundo no qual a correspondência ocupava a maior parte do tempo de escrita (uma vez terminados os anos de escolarização) e no qual a leitura se repartia entre o jornal (informação mais ou menos imediata) e a ficção (romance). Hoje, a leitura da informação e a prática da escrita se amalgamaram numa espécie de

3 Ver, por exemplo: Les papiers de la liberté. Une mère africaine et ses enfants à l'époque de la révolution haïtienne. *Génèses: sciences sociales et histoire*, Paris, n. 66, p. 4-29, mars 2007. (Artigo em colaboração com Rebecca J. Scott.)

comunicação/informação generalizada que se torna cada vez mais invasora e ocupa, mais e mais, o nosso tempo. Exatamente como a telerrealidade está substituindo progressivamente a ficção nas grandes cadeias de televisão, a comunicação/informação – essa espécie de telerrealidade da internet – toma o lugar da leitura da ficção. É certamente necessário ver, atrás dessas grandes mutações culturais, profundas transformações da relação dos homens e das mulheres com o imaginário, mas também com o prazer. Há, aí, algo mais do que novos leitores em gestão. É toda uma cultura da relação com o escrito que se reinventa.

Se o aparecimento de grupos de “novos leitores” é um fenômeno importante, a luta contra o analfabetismo é, há muito tempo, uma prioridade dos governos. O senhor afirma frequentemente que isso não depende somente da abertura de escolas, mas também da difusão da cultura escrita. Poderia falar um pouco mais sobre a questão?

O senhor tem razão em sublinhar isso. As mutações de nossas maneiras de ler não apagam a barreira entre alfabetizados e analfabetos. Ao contrário, elas a reforçam. Elas tornam o acesso ao escrito mais seletivo e desigual.

O fato é que se ganha a luta contra o analfabetismo mais nos livros do que com a alfabetização. Para compreender um livro é preciso ter familiaridade com a língua que ele utiliza (ela tem poucas coisas em comum com a língua da vida cotidiana), é preciso também ter familiaridade com o universo do qual ele fala... É por intermédio da literatura que se forma o leitor, bem antes que ele saiba ler. As classes médias sabem disso. Elas formam seus filhos para a leitura desde a mais tenra idade, lendo para eles, em voz alta, livros. Quando essas crianças chegam à escola e aprendem a ler, descobrem, de repente, que podem reencontrar nos livros histórias que eram lidas para elas. É um poder extraordinário. O livro traz vantagens para os que já são letrados. A fragilidade atual das leituras de ficção poderia muito bem ser amplificada pelas transformações de nossos modos de ler. A leitura do romance poderia se tornar uma cultura muito segregadora, o luxo de uma comunidade cada vez mais restrita, de uma elite cultural, mais do que econômica.

O fato é que a escola está pouco armada para enfrentar esses desafios. Ganha-se, pois, a batalha pela alfabetização mais nas bibliotecas e com a voz dos leitores adultos lendo para crianças ainda analfabetas do que com debates estéreis sobre os métodos de leitura. É na e pela oralidade que nos tornamos leitores. Muitas alfabetizações bem-sucedidas se transformam num terrível fracasso, porque a criança que sabe ler não consegue utilizar esse saber para fazer que os livros falem. Estes últimos lhe falam numa língua que ela não conhece, lhe falam de um mundo (o da literatura) do qual ignoram tudo. Em alguns meses, desaprendem a ler.

Será necessário que aprendamos a formar de modo diferente os “novos leitores” do século XXI.

Nota biográfica

Jean Hébrard ensina na École des Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris (França), na qual dirige o Centre de Recherche sur le Brésil Contemporain [Centro de Pesquisas sobre o Brasil Contemporâneo], e na University of Michigan, em Ann Arbor (Estados Unidos). Nessas duas universidades, orienta seminários sobre a história social e cultural das sociedades escravagistas e pós-escravagistas do mundo atlântico e, mais particularmente, do império português e do Brasil. Foi anteriormente encarregado de pesquisa no Serviço de História da Educação do Instituto Nacional de Pesquisa Pedagógica da França (centro de pesquisa associado ao Centro Nacional de Pesquisa Científica francês, o CNRS), no qual realizou trabalhos sobre os modos de transmissão dos saberes elementares nos períodos moderno e contemporâneo. Participou das grandes mutações do sistema educacional francês na qualidade de conselheiro para a educação de vários ministros da esquerda (Michel Rocard e Jack Lang, em particular), na década de 1990. Publicou, entre outros, *Discursos sobre a leitura (1880-2000)*, em colaboração com Anne-Marie Chartier (Paris, 2000), e participou das grandes pesquisas sobre a história do livro e da leitura na França (*História da edição francesa; Práticas da leitura; O grande atlas das literaturas; História das bibliotecas francesas etc.*). Prepara atualmente um livro sobre a circulação de pessoas negras no mundo atlântico (América do Norte, América Central e Europa) durante e depois da Revolução Haitiana.

Bibliografia em português

Livros

CHARTIER, A. M.; HÉBRARD, J. *Discursos sobre a leitura (1880-1980)*. Tradução Osvaldo Biato e Sérgio Bath. Revisão técnica Maria The-reza Fraga Rocco. São Paulo: Ática, 1995. 590 p.

_____; CLESSE, C.; HÉBRARD, J. *Ler e escrever: entrando no mundo da escrita*. Tradução Carla Valduga. Apresentação Magda Soares. Prefácio Michel Fayol. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. 166 p.

HÉBRARD, J. *As bibliotecas escolares: entre leitura pública e leitura escolar na França do II Império e da III República*. Campinas: Mercado de Letras, 2009. 80 p.

Artigos e contribuições para obras coletivas

HÉBRARD, J. A escolarização dos saberes elementares na época moderna. *Teoria & Educação*, v. 2, p. 65-110, 1990.

_____. Alfabetização e acesso às práticas da cultura escrita de uma família do sul da França entre os séculos XVIII e XIX: um estudo de caso. In: GALVÃO, A. M. O. et al. (Dir.). *História da cultura escrita: séculos XIX e XX*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 48-96.

_____. Notas sobre o ensino das ciências na escola primária (França, séc. XIX e XX). *Contemporaneidade e educação: Revista Semestral Temática de Ciências Sociais e Educação*, v. 7, p. 111-126, 1. sem. 2000.

_____. O autodidatismo exemplar. Como Valentin Jamerey-Duval aprendeu a ler? In: CHARTIER, R. (Dir.). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998. p. 35-74.

_____. Os livros escolares da Bibliothèque Bleue: arcaísmo ou modernidade? *Revista Brasileira de História da Educação*, n. 4, p. 9-46, jul./dez. 2002.

_____. Por uma bibliografia material das escritas ordinárias: o espaço gráfico do caderno escolar (França, séculos XIX e XX). *Revista Brasileira de História da Educação*, n. 1, p. 115-142, jan./jun. 2001.

_____. Por uma bibliografia material das escrituras ordinárias: a escritura pessoal e seus suportes. In: MIGNOT, A. C. V.; BASTOS, M. H. C.; CUNHA, M. T. S. (Org.). *Refúgios do eu*. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 29-61.

_____. Três figuras de jovens leitores: alfabetização e escolarização do ponto de vista da história cultural. In: ABREU, M. (Org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2000. p. 33-78.

_____; CHARTIER, A. M. A invenção do cotidiano: uma leitura, usos. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*, v. 17, p. 29-44, nov. 1998.

_____; _____. Método silábico e método global: alguns esclarecimentos históricos. *História da Educação*, v. 5, n. 10, p. 141-156, set. 2001.

Recebido em 23 de agosto de 2010 e aceito em 26 de outubro de 2010.